

HIPODERMÓCLISE: Utilização da via subcutânea para a administração de medicamentos

CRYSHNA LETICIA KIRCHESCH¹; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – cryslety@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O paciente oncológico enfrenta diversas barreiras no decorrer de seu tratamento, desde a confirmação do diagnóstico da doença. Seu sofrimento é aumentado pelo preconceito das pessoas (medo de contágio), pelos tratamentos invasivos e seus efeitos colaterais. Alguns ainda, possuem a crença de que estão recebendo um castigo divino, o que pode aumentar o sentimento de auto piedade e desesperança.

Em estágios mais avançados do câncer, a via intravenosa para a infusão dos medicamentos torna-se cada vez mais escassa. Haja vista as condições do próprio paciente como a caquexia, a desidratação e uso de substâncias esclerosantes que tornam as veias colapsadas, finas e frágeis. As tentativas frustradas de punções venosas ficam mais frequentes, gerando ainda mais dor, ansiedade e incômodo ao paciente (JUSTINO; et. al., 2013).

A diminuição da ingesta oral também é uma das frequentes complicações do câncer avançado, podendo estar relacionada a uma variedade de causas como: náuseas, vômitos, anorexia severa, odinofagia, disfasia, lesões orais cavitárias, obstrução esofágica e intestinal, além de alterações neurológicas (GIRONDI, J. B. R.; WATERKEMPER, R., 2005).

Diante de tanto sofrimento, a enfermagem é a responsável por minimizar os diversos fatores que geram dor e desconforto aos pacientes em cuidados paliativos. Para tanto, precisa conhecer e desenvolver novas técnicas que produzam mais conforto ao paciente, proporcionando qualidade de vida.

A hipodermóclise é uma técnica possível, pois possibilita a hidratação e administração de alguns medicamentos em pacientes que estão com acesso venoso comprometido. Nesse sentido, propõe-se uma discussão sobre hipodermóclise em cuidados paliativos, para conhecer suas vantagens e como essa técnica vem se inserindo na prática de enfermagem.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, fundamentada em artigos científicos das bases de dados do Pubmed, Lilacs e Scielo, utilizando como descritores: cuidados paliativos, hipodermóclise, enfermagem.

O interesse pelo assunto surgiu durante uma palestra sobre cuidados paliativos, abordada na disciplina Unidade do Cuidado em Enfermagem V, no quinto semestre do curso. O sentimento intensificou-se no 6º semestre durante os estágios na unidade Bom Conselho da Santa Casa de Misericórdia, onde 50% dos pacientes são oncológicos e demandam de cuidados especiais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hipodermóclise é uma técnica de infusão de eletrólitos e medicamentos (até 1.500 ml/sítio/24h) por via subcutânea, o que proporciona maior conforto ao paciente e a possibilidade de se manter uma via de acesso medicamentoso constante.

Nas unidades oncológicas, alguns pacientes apresentam problemas com a manutenção do acesso venoso. A hipodermóclise torna-se um método eficaz na administração de drogas imprescindíveis, como na amenização das dores, além de proporcionar a reposição hídrica constante que os pacientes oncológicos necessitam.

O conforto do paciente é aumentado, visto que a inserção do cateter se faz em regiões que não comprometem sua mobilidade, e desde que o dispositivo seja bem fixado junto à pele, o paciente pode executar suas atividades diárias sem nenhum prejuízo.

Além de apresentar vantagens ao paciente, a técnica contribui também na redução dos custos hospitalares, visto que os materiais necessários para o procedimento são facilmente encontrados nas unidades hospitalares e são de baixo custo. A hipodermóclise permite ainda, a possibilidade de alta hospitalar precoce, pois pode ser executada pelo cuidador do paciente no aconchego de seu lar, após capacitação pela equipe de enfermagem. Indiretamente, essa ação protege o paciente oncológico, por afastá-lo do ambiente hospitalar, que é rico em micro-organismos, os quais podem ser fatais em pacientes já debilitados e imunossuprimidos.

Porém, a hipodermóclise apresenta limitações nas situações em que se deseja uma velocidade de infusão rápida e reposição com alto volume de fluidos. Portanto, não é recomendada em casos de reversão de choque hipovolêmico e desidratação severa (INCA, 2008).

Apesar de ser uma técnica de fácil manuseio, o enfermeiro deve observar alguns critérios para a execução correta. É necessário escolher o local adequado para a punção subcutânea, fazer a antissepsia com álcool a 70%, bem como o rodízio das áreas puncionadas, podendo ser utilizadas as regiões do flanco, infraclavicular, axilar, face anterior, interna ou externa da coxa.

Para realizar a punção, a agulha a ser empregada pode ser do tipo *scalp*, calibre de 23 a 25 *gauge*. Em seguida, o curativo deve ser mantido fixo e pode ser feito com filme transparente, que permite uma avaliação completa e rápida do local puncionado (TAKAKI, C. Y. I.; KLEIN, G. F. S., 2010).

Os medicamentos comumente utilizados na terapia subcutânea ou hipodermóclise, são os que têm pH próximos da neutralidade e são hidrossolúveis. A exemplo temos o sulfato de morfina, brometazida, ondasetrona, metadona, midazolam, prometazina, octreotide, metoclopramida, fenobarbital, escopolamina, dexametasona, clorpromazina, clonidina, ranitidina, haloperidol, metadona, midazolam, gamicina e tramadol. Já os medicamentos incompatíveis são o diazepam, diclofenaco, eletrólitos não diluídos e a fenitoína (AQUINO, M. O.; SOUZA, R. M., 2012).

Dentre os artigos analisados, buscou-se evidenciar as vantagens e desvantagens da hipodermóclise em cuidados paliativos. Vale salientar, que por ser uma técnica de pouco uso pelos profissionais da saúde, foram poucos os estudos encontrados em torno do tema.

A eficácia da hipodermóclise é comprovada em todos os estudos e o risco de flebite, infecção, necrose tecidual, edema ou qualquer outro efeito colateral que ela pode gerar, é mínimo. Mesmo se tratando de uma técnica com inúmeras

vantagens, a hipodermóclise é raramente utilizada em ambiente hospitalar, ficando restrita aos programas de assistência domiciliar como o PIDI (Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar).

A grande demanda das unidades hospitalares interfere no cuidado individual prestado ao paciente. Os profissionais atribulados com os afazeres diários, não conseguem se atualizar, no intuito de implementar novas maneiras de cuidar, o que, infelizmente, resulta muitas vezes, em uma assistência deficiente.

4. CONCLUSÕES

Aprender e aplicar uma técnica que torne o tratamento mais confortável para o paciente é de extrema importância na área da saúde. Todos os profissionais deveriam se capacitar para utilizar a hipodermóclise quando necessário. Os conhecimentos a seu respeito, devem ser transmitidos entre a categoria da enfermagem, por ser tratar de mais um cuidado a ser oferecido ao paciente, principalmente, em função do menor risco de infecção, flebite e necrose tecidual, em comparação ao cateter endovenoso.

Em meio ao sofrimento gerado pelo câncer, o enfermeiro precisa encontrar uma maneira de minimizar seus agravos e propiciar um tratamento mais humanizado e menos doloroso ao paciente, afinal esse é o real significado de “ser humano”. Além disso, a técnica pode ser expandida para outras unidades, não ficando restrita aos cuidados paliativos. Pode ser utilizada na hidratação subcutânea em idosos, paciente com HIV ou qualquer outro motivo que inviabilize a via endovenosa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, M. O.; SOUZA, R. M. Hipodermóclise ou via subcutânea. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2. p. 89-93, Abr./jun., 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. Instituto Nacional do Câncer, 3. ed. revista atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: INCA, 2008. 628p.

GIRONDI, J. B. R.; WATERKEMPER, R. A utilização da via subcutânea como alternativa para o tratamento medicamentoso e hidratação do paciente com câncer. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 4, p. 348-54, out./nov., 2005.

JUSTINO, E. T.; TUOTO, F. S.; KALINKE, L. P.; MANTOVANI, M. F. Hipodermóclise em pacientes oncológicos sob cuidados paliativos. **Revista Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 18, n. 1, p. 84-9, jan./mar. 2013.

TAKAKI, C. Y. I.; KLEIN, G. F. S. Hipodermóclise: o conhecimento do enfermeiro em unidade de internação. **Revista ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 486-96, 2010.